

N^o 182

Coleção

TEXTOS ACADÊMICOS

Ano 2

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS

Aderson de Carvalho França

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Comunicação Social

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES



UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS

ADERSON DE CARVALHO FRANÇA

Monografia submetida à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, conforme Res. nº 30/81 do CONSEPE, para fins de processo seletivo objetivando a inclusão de Auxiliares de Ensino e Professores Colaboradores na referência inicial da classe de Professor Assistente.

PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO INTELECTUAL
NATAL, MARÇO DE 1982

PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO INTELECTUAL
COLEÇÃO TEXTOS ACADÊMICOS, 182

REITOR: Prof. Diôgenes da Cunha Lima

VICE-REITOR: Prof. Esequias Pegado Cortez Neto

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO: Prof. Pedro Simões Neto

COORDENADORES DO PROGRAMA: Heloísa Carmen Lordão Monteiro
João Afonso do Amaral

EQUIPE DE APOIO: Jacinta Leite de Oliveira

Pedro Gutemberg Pinheiro de Souza

Roberto Anderson da Silva

José Tavares Filho

Jonas Rodrigues do Nascimento



França, Aderson de Carvalho.

Uma imagem vale mais do que mil palavras. Na
tal, PRAEU, 1982.

23p. il.

Monografia (concurso) Univ. Fed. Rio Grande
do Norte.

1. Fotojornalismo - Monografias. 2. Fotogra-
fias - Monografias. I. Título.

CDU 77.044(043.3)



A Universidade Federal do Rio Grande do Norte mantém um programa de estímulo ao trabalho intelectual que nasceu da necessidade de valorizar e difundir a produção intelectual acadêmica. Consiste, basicamente, na reunião de todas as dissertações, teses e monografias elaboradas por Professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, num espaço físico a que denominamos "Banco de Estudos Universitários" e que serve como fonte de consulta à toda comunidade acadêmica.



A partir da classificação desses trabalhos, uma comissão composta por membros do Conselho Editorial e representantes dos departamentos acadêmicos, seleciona obras representativas de suas áreas, para publicação.

O programa prevê a edição de duas coleções: Estudos Universitários, com livros impressos em off-set pela Editora Universitária e Textos Acadêmicos, reproduzidos pelo sistema de mimeógrafo, pelo grupo técnico da coordenação do programa, na sede da Pró-Reitoria para Assuntos de Extensão Universitária.

A UFRN pretende editar cerca de 400 títulos através das duas coleções, ao mesmo tempo em que publica um Catálogo Geral, demonstrativo de todo o esforço intelectual da comunidade universitária norte-rio-grandense.

É um programa ambicioso, mas simples e concreto como a vontade de fazer. Na medida em que estabelece um volume quantitativamente ousado de títulos para publicação, adota uma de finição técnica no mínimo humilde para realizá-lo: a opção do mimeógrafo para a maioria das edições.

Há de ser reconhecido que a produção intelectual das Universidades tem sido dirigida para objetivos que escapam à produção ou transmissão de conhecimentos: promove currículos acadêmicos, ou é confinada em prateleiras. Em ambas as hipóteses, o ineditismo dos trabalhos conspira contra os seus verdadeiros desígnios.

Nosso programa atende ao objetivo maior de difundir o conhecimento assimilado ou produzido pela Universidade, revalorizando o esforço intelectual dos professores ao mesmo tempo em que estimula a sua aplicação. E nenhuma outra pretensão nos orienta.

Diógenes da Cunha Lima

Reitor

S U M Á R I O



RESUMO

INTRODUÇÃO

1	- CONCEITOS	pág. 01
2	- CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS	pág. 03
2.1	- CONTROVERSIAS	pág. 03
2.2	- <u>NIÉPCE E DAGUERRE</u>	pág. 05
3	- NATUREZA DO FOTOJORNALISMO	pág. 08
3.1	- <u>SENDO DE APTIDÃO</u>	pág. 10
4	- A FOTOGRAFIA JORNALÍSTICA	pág. 13
5	- UTILIZAÇÃO DAS FOTOS	pág. 16
6	- O FATOR DE INTERESSE	pág. 18
6.1	- <u>DESTREZA</u>	pág. 18
6.1.1	- <u>DEFESA</u>	pág. 19
6.1.2	- <u>INTERESSE DA COMUNIDADE</u>	pág. 19
6.1.3	- <u>INTERESSE DO GOVERNO</u>	pág. 19
6.1.4	- <u>HUMOR</u>	pág. 20
6.1.5	- <u>INTERESSES ESTÉTICOS</u>	pág. 20
6.1.6	- <u>INTERESSE HUMANO</u>	pág. 21
6.1.7	- <u>INTERESSE ARTIFICIAL</u>	pág. 21

CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

R E S U M O

Este trabalho enfoca um pensamento muito conhecido pela imprensa de todo o mundo - "UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS" - de Confúcio, considerado o maior gênio filosófico-religioso da China. Encaixa perfeitamente no fotojornalismo, como um dos seus princípios; ele enaltece o papel da imagem noticiosa quando esta resume a narração de um fato.

Relata, ainda, conceitos de fotojornalismo; apresenta considerações históricas, importantes, ao bom entendimento da fotografia nos seus primeiros passos ou seja na fase da pesquisa e dos experimentos; mostra os trabalhos dos principais pesquisadores, destacadamente Niépce e Daguerre e analisa, de forma resumida, o progresso obtido logo após suas primeiras descobertas; o daguerreótipo - câmara escura criada por Daguerre - é tido como dos primeiros equipamentos pelos quais a fotografia se tornou popularizada.

Depois são mostrados os trabalhos de aperfeiçoamento no campo da fotografia através de inovações criadas por outros curiosos que resultaram na industrialização e produção de novos equipamentos mais leves e por isso muito mais adequados ao emprego no fotojornalismo, que são hoje as conhecidas câmaras de 35mm.

O fotojornalismo é mostrado nos seus princípios básicos e didáticos com enfoques que dão forma de incentivo a todo estudante que pretenda ser um profissional capacitado.

Nesse segmento são expostos métodos e técnicas com sugestões ilustrativas, que deverão ser treinados pelo principiante, partindo do pressuposto de que o candidato já tenha alguma noção de como utilizar uma câmara fotográfica.

Os fatores de interesse são catalogados no final do trabalho objetivando fixar os pontos que norteiam o editor fotográfico no seu afã de despertar no leitor a curiosidade sobre a página de rosto de publicações como jornais, revistas, livros, etc.

INTRODUÇÃO

A história registra nossa memória, nós estudamos o legado deixado e enriquecemos nosso potencial de aprendizado. Dela participa a fotografia também com a sua história, que não pode ser desprezada de qualquer estudo que lhe faça referência.

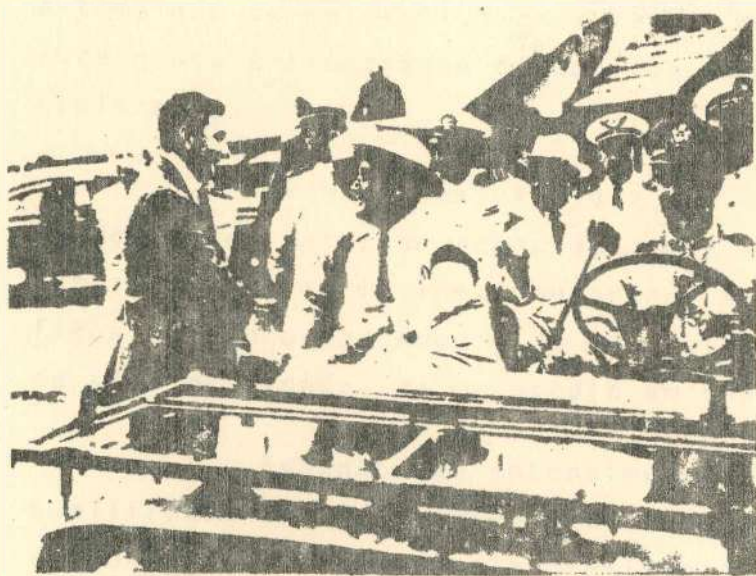


Foto 1 - Encontro histórico dos Presidentes Getúlio Vargas e Franklin D. Roosevelt, janeiro de 1943, na base aérea de paranimirim. (Acervo João de Brito Namorado).

Por isso a nossa preocupação de colocar nesse trabalho as principais descobertas da fotografia e seus autores Niépce, Thomas Wedgwood e Daguerre, tem razão merecida.

Depois deles só nos resta a preocupação fria e consciente do estado emocional, porque antes de apertarmos o obturador, quando apontamos a câmera para um assunto, devemos ser firmes. Olho no retângulo e imbuído de imparcialidade de ânimo, mostrar aos olhos dos leitores o mais real possível. Para isso a agilidade não pode faltar para não perder o "clic". O momento é inexorável no tempo, é pegar ou largar. (Foton?)

Entre outros requisitos, foram colocadas aqui, qualidades exigidas pelo fotojornalismo: destreza, senso de oportunidade, criatividade e conhecimento dos fatores de interesse da comunicação ou seja os meandros da notícia para que a foto seja de bom encaixe.

Pode acontecer de se tratar de uma cena ou fato comum, destituído de interesse editorial, mas pode ser tão real ou chocante até, capaz de sensibilizar a opinião pública ou p. e. dos criadores de guerra como a do Vietnã e fazê-la parar tamanhas as atrocidades mostradas nas publicações da época.

1 - CONCEITOS

Fotojornalismo diz respeito a fotografias mostradas em jornais periódicos, livros, boletins noticiosos, toda comunicação pictórica que tenha efeito de publicação. Nesse contexto é tema que se multiplica procurando dar uma tônica sempre mais abrangente à ilustração da notícia, do artigo, de assuntos especializados.

Michael Busselle diz que o fotojornalismo é o momento decisivo, fator de reportagem que representa uma denominação genérica onde se incluem uma grande variedade de temas fotográficos, desde o lançamento de um navio ao mar até uma exposição de cães na cidade, de um prédio em chamas a um desfile militar.

Segundo seu entendimento o fotojornalismo pode ser qualificado sob duas categorias: numa, a foto é o registro de um momento único, seja ele previsto ou espontâneo, digno de manchetes na imprensa ou corriqueiro; noutra, é o elemento de uma série destinada a formar uma história.

Se bem que o critério nem sempre possa ser admitido na imprensa de todo o país, ele é válido para a região ou localidade mais próxima do fato.

Robert Capa conceituaria o fotojornalismo pelo simples impulso da coragem. Ele, que era boêmio parisiense, resolve partir de câmara a tiracolo para a defesa da República Espanhola ameaçada pelo nazismo. Dessa sua iniciativa nasce um novo tipo de reportagem fotográfica e nela o fotógrafo participa diretamente da ação. Uma pendência surgia, na época, para a imprensa, pois passava a admitir novo estilo fotográfico, diferente dos apenas documentais. As fotografias tornavam-se verdadeiros ensaios que revelavam uma história ou representavam situações reflexivas do momento trágico da guerra. Imagens que tocam o coração do leitor e o sensibiliza. Cenas são mostradas com riqueza de detalhes, com muita expressão, conseguidas pelo "olho

fotográfico" de Capa. Esse "olho" é uma das exigências do fotojornalismo moderno.

A capacidade de fornecer cenas realistas foi uma das propriedades da fotografia, que mais entusiasmaram seus primeiros adeptos. (Foto nº 2)

F. FRASER BOND, ensaia um conceito moderno que bem traduz a importância do jornalismo fotográfico; diz ele que nos defrontamos todos os dias com jornais, revistas, livros - alguns deles francamente pictóricos - assim como também no filme e na televisão. O impacto desse efeito é tamanho em nossa cultura, a ponto dos clientes sociais reclamarem que a marca registrada em nossa consciência por uma figura é mais duradoura do que a deixada pela palavra impressa.



Foto 2 - Prêmio "Vladimir Herzog" - (Revista IRIS)

A ênfase do fotojornalismo de hoje em dia aparece como um fenômeno de século XX. Naturalmente que, pelo desenvolvimento da própria fotografia, como também pela invenção de rápidos e adequados processos de reprodução, tais como o de gravação, o emprego da ilustração fotográfica ganhou maiores espaços.

Este conceito amplia a nossa visão:

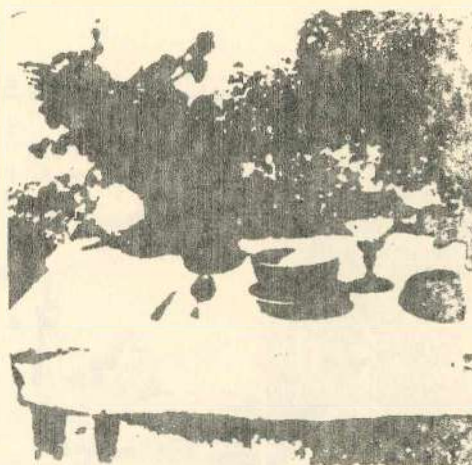
1º) porque ele não procura fixar regras para a fotografia jornalística e sim dar um enfoque sobre a fase atual do fotojornalismo;

2º) obedecendo uma sequência de raciocínios lógicos a importância da fotografia nas páginas de reportagem é tamanha, que, não admiti-la, seria retroceder no tempo e no espaço;

3º) sem dar destaque especial, entendemos a sua intenção de fazer um giro em pesquisas literárias na busca do uso das primeiras figuras em livros. As iluminuras p.e., que os monges dos tempos medievais desenhavam e pintavam à mão em seus missais e livros de oração.

2 - CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

O francês Joseph Nicéphore Niépce, por volta de 1822 conseguiu fixar no papel a imagem de uma mesa que se encontrava no jardim de sua casa. Para isso, foi necessário que Niépce sensibilizasse o papel com uma solução sensível à luz. Um inconveniente, o tempo, não deixou o ensaísta satisfeito pois, para esse trabalho foram exigidas várias horas de exposição. Ainda assim, a imagem obtida, apesar de poucos traços marcantes, foi considerada a primeira foto conseguida no mundo. (Foto nº 3).



Com essa data, 1822, para ponto de referência, a fotografia completou em 1972, 150 anos de existência. E esse foi o primeiro evento fotográfico.

Foto 3 - "Mesa Posta" 1a. foto de Niépce (1822)

2.1 - CONTROVÉRSIAS - Existe controvérsia a respeito da data do descobrimento da fotografia, revelando uns historiadores como feito realizado por MO TZU, chinês que viveu 25 séc. a.C. Ele é visto pelos pesquisadores como o primeiro humano a ter observado o fenômeno da fotografia.

Porém, o conhecimento dos princípios óticos são atribuídos a Aristóteles que viveu entre 384 a 322 a.C. Tais estudos deram ensejo a que fossem observados os fenômenos de eclipses bem como serviram mais adiante de ajuda aos desenhos da época, executados por Giovanni Batista Della Porta (séc. XVI). Veio daí o princípio da "câmara escura" que pode ser observado por qualquer pessoa bastando para isso que entre num compartimento fechado e sem iluminação. É só improvisar um pequeno orifício numa das paredes e a menor quantidade de luz que passar

pela fresta, projetará imediatamente, uma imagem suave da cena exterior, na parede oposta, apenas com um detalhe: a imagem se apresentará invertida e nas cores naturais.

Deve-se a Leonardo da Vinci, época da Renascença, as melhores descrições do fenômeno da "Câmara Escura" no seu livro de notas científicas somente divulgado no séc. XVIII. Frisava ele: "a imagem será projetada ao contrário, isto é, de cabeça para baixo". (Foto nº 4).

Surgia a preocupação dos pesquisadores de fixarem a imagem descoberta, uma vez que novos métodos de aperfeiçoamento da captação da imagem foram introduzidos, tais como, a colocação de uma lente no orifício do pequeno furo, idéia nascida de Girolamo Cardan (1501/1576). Em seguida, a criação de um dispositivo que melhorava a qualidade da imagem - o diafragma - tinha como seu patrono Danielo Bárbaro.

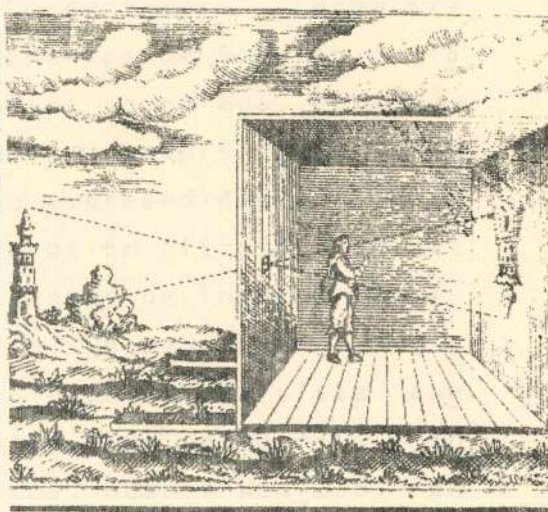


Foto 4 - Câmara Escura Primitiva de Leonardo da Vinci - (Revista IRIS)

Os alquimistas da Idade Média já sabiam que a luz exerce ação sobre certas substâncias e Alberto, o Grande (1139/1238) conhecia inclusive o nitrato de prata, que viria a ser fundamental para o desenvolvimento da fotografia. A descoberta de outro elemento químico, o cloreto de prata, por George Fabricius (1516/1576), representou mais um passo no processo de desenvolvimento do fenômeno, mas não se tem certeza de que ele soubesse que a alteração de cor dessa substância se deve a ação da luz. A esse respeito, Giacomo Battista confirmava, em suas pesquisas que a luz exerce ação sobre o cloreto de prata, baseando esta afirmativa nos estudos feitos na Real Academia de Paris (séc. XVII), através do Alemão Wilhelm Homberg e que foram coadjuvados posteriormente, em 1727, pelo professor de anatomia Johan Heinrich Schulze (1687/1744) da Universidade Alemã de Altdorf; ele notou que um composto contendo ácido nítrico e prata, escurecia quando exposto à luz de uma janela, menos nas partes onde a luz era interceptada por pedaços de papel. Sua curiosidade se prendia em saber se o motivo do

escurecimento era a luz do sol ou do calor recebido. Para isso, Schulze repetiu a experiência dentro de um forno, notando em seguida que nada havia alterado. Ficou comprovado então, que o composto escurecia em função da luz.

Depois de todas essas descobertas, o sueco Carl Wilhelm Scheese (1742/1786) observou que a ação da luz sobre o cloreto de prata produz prata rebaixada. Já vão mais de 200 anos que essas descobertas se tornaram as mais importantes para a fotografia. Todavia há registros entre elas de outras conquistas, de lá para cá. Thomas Wedgwood (1771/1806) conseguiu a primeira imagem sobre o nitrato de prata. Ele, que era filho de famoso ceramista inglês, já estava vivenciado com as descobertas de Schulze e resolveu fazer um estudo em cima das pesquisas do colega. Para suas experiências que tinham como fim fixar em uma superfície as imagens resultantes das tentativas até então empreendidas. Pegava pedaços de papel ou couro branco, molhava-os em nitrato de prata e sobre eles espalhava folhas de plantas, asas de insetos fazendo-os secar ao sol. O produto foi positivo. Conseguiu o registro de uma silhueta no couro ou papel que poderia ser vista apenas à luz de vela, pois que, qualquer outra iluminação mais intensa fazia a imagem desaparecer aos poucos. Buscou Wedgood, em seguida, fixar a imagem, mais não conseguiu êxito.

2.2 - NIÉPCE E DAGUERRE - Bem poderia se afirmar que a façanha de fixar a imagem deve-se, hoje, ao trabalho conjunto empreendido por esses dois pesquisadores. O francês Joseph Nicéphore Niépce, não chegou a descobrir a procurada substância fixadora, mas foi o primeiro a conseguir uma imagem que poderia ser vista à luz do dia sem o risco de desaparecer.

Na mesma época, um outro francês, o pintor e cenógrafo Louis Jacques Mandé Daguerre (1787/1851) buscava fixar imagens do mundo real em placas de metal polido, com semelhante utilização de uma câmara escura.

Entretanto, não satisfeito com os resultados de suas pesquisas Daguerre resolveu enriquecer o seu trabalho propondo, em 1826, uma sociedade de troca de informações com Niépce. A princípio Niépce não deu muito valor a tentativa de Daguerre até que, em 1829, resolveu aquiecer à sua solicitação e os dois jun

tos passaram a trabalhar no intuito de aperfeiçoar o processo. Segundo o acordo formulado, ambos, deveriam estudar e aperfeiçoar os processos de fixação durante cerca de uma década, mas, quatro anos depois do trato, Niépce morre e Daguerre continua sozinho, abandonando o papel que usavam nos ensaios e passando a trabalhar insistentemente com as placas polidas de metal.

Contam um detalhe interessante acerca da luta de Daguerre, que tinha como opositora ferrenha, sua mulher, Mme. Daguerre. Achando ela que o marido estaria se tornando um louco por tentar fixar numa placa a imagem da vida real, procurou o diretor do Observatório de Paris, François Arago, que era também membro da Academia de Ciência de França e amigo pessoal de Daguerre, com o fim de conseguir dele um atestado de loucura. Arago, porém, que conhecia parte do processo, respondeu-lhe que ainda era cedo para isso, pois, afinal de contas, Daguerre ainda não estava totalmente doido.

Afinal, quase na época estabelecida para a descoberta, 1837, Daguerre procura Arago para mostra-lhe o processo em perfeito funcionamento. Dez anos mais tarde, este processo passou a chamar-se Daguerreótipo. Este nome tem uma explicação: Daguerre considerou, no final, que seu processo era muito diferente do criado por Niépce e por isso resolveu assumir a paternidade da invenção.

Um anedotário foi criado devido ao acaso de sua descoberta. Segundo narram jornais e revistas da época, o pintor teria chegado em uma fase em que já conseguia transpor para a placa polida uma imagem real, que aos poucos se desvanecia. Isso o deixava irritado pois, era em vão que procurava fixar a imagem em suas experiências; nenhuma substância química dava resultado satisfatório. Até que um dia, após outro ensaio frustrado, Daguerre arremessou a placa, com uma imagem que começava a desaparecer para dentro de um armário e abandonou o laboratório. Ao ser atirado, o pedaço de metal teria derrubado algumas garrafas com substâncias químicas. Certamente a mistura dessas substâncias teria fixado a imagem. Partindo daí Daguerre teria chegado ao composto fixador por eliminação...

Apesar de fatos como este enriquecerem o folclore fotográfico, o fato é que, o invento de Daguerre, o daguerreótipo teve ascensão rápida por todo o mundo. Registrou-se, de início, gran

de oposição ao invento; o grande público não admitia que "qualquer um" - nas palavras do próprio Daguerre - "conseguisse tirar a mais detalhada imagem da realidade em poucos minutos, nem que o daguerreótipo é apenas um processo químico e físico que permite à Natureza a habilidade de se reproduzir a si mesma".

Com a aprovação de vários daguerreotipistas, tal foi a rápida expansão do invento que qualquer pessoa poderia obter o que Niépce não conseguira, isto é, fixar a imagem. Mas, mesmo assim, se Niépce é considerado e reconhecido por diversos historiadores como o primeiro fotógrafo, não resta dúvida de que Daguerre foi o verdadeiro Pai da Fotografia. (Foto nº 5).

A descoberta de Daguerre ganhou tanto impulso que em julho de 1839, ele vendeu sua invenção ao governo francês recebendo em troca uma pensão vitalícia, no valor de 6 mil francos. Vale salientar que os primeiros daguerreótipos eram de má qualidade, com imagem invertida, possuindo poucos contrastes tonais e o tempo de exposição variava entre 15 e 30 minutos. Mas, os aperfeiçoamentos não tardaram a acontecer. O brometo de prata colocado nas chapas proporcionavam o aumento da sensibilidade do filme e tinha o papel de perfeito acelerador. A posição da imagem foi corrigida com a criação de prismas na objetiva. E, como o ouro foi introduzido no processo de fixação, o brilho metálico transformou-se no célebre tom violáceo-escuro.



Foto 5 - O 1º daguerreótipo. Estúdio do autor.

As primeiras máquinas eram de tamanho muito grande e logo foram acrescentadas a elas lentes capazes de tirar fotografias cujas dimensões eram de $1/3$, $1/4$, $1/6$, e $1/8$ do tamanho original da chapa que media 21,6 x 16,5 centímetros. Josef Petzval, um matemático húngaro radicado em Viena, é o autor da inovação de maior alcance, na época. Pelo ano de 1830 fabricou uma lente dupla (acromática) que tinha características distintas: abertura de

3.6, possibilidades de concentrar mais os raios de luz e, consequentemente, aumentando sua intensidade, ela era trinta vezes mais rápida do que a lente de Chevalier a mais empregada pelos artífices. Daí em diante o Daguerreótipo teve expansão mais rápida e a fotografia popularizou-se em tempo récorde.

Embora deva-se aos daguerreótipos os passos iniciais da fotografia, coube ao inglês Fox Talbot a invenção do primeiro sistema simples para a produção de um número indeterminado de cópias, a partir da chapa exposta, abrindo desse modo espaço para o verdadeiro desenvolvimento desse veículo de comunicação.

Foi, ainda, Talbot quem obteve, em 1835, os primeiros negativos, sendo o exemplo mais antigo a janela de rótula de sua casa, que ficava em Lacock Abbey em Wiltshire. Ele na verdade revelou e copiou seu primeiro calótipo no dia 23 de setembro de 1840 e relatou o desenvolvimento de seu trabalho em um livro sem precedente até então, chamado "The Pencil of Nature".

3 - NATUREZA DO FOTOJORNALISMO

Aquele que se inicia em uma das mais fascinantes profissões hoje disponíveis para pessoas ambiciosas, tem que se preparar para atuar como "um olho do mundo", (Robert Porta). Sim, porque terá que saber contemplar estranhas vistas, ver pessoas, famosas e eventos excitantes. Depois, paralelamente, terá, de quebra, sua própria curiosidade satisfeita, ao mesmo tempo que realiza um trabalho agradável, e de atuar como substituto de milhares de pessoas que não podem ver o lado jornalístico dos acontecimentos da vida, senão através da objetiva de sua câmara.

Naturalmente, um curso de treinamento e habilitação a nível acadêmico faz isso apropriadamente e há de ser objeto de mais cuidadosa atenção de quem se destina a sua participação. É um estudo que deve ser praticado com meticulosidade, de vez que qualquer treinamento em qualquer setor do jornalismo, há de ser

rigoroso, mas será tão repleto de fatos interessantes, tão cativante que será tudo, menos maçante.

O aluno há de querer utilizar cada momento ao seu dispor quando inicia a nova vocação, mas uma das primeiras lições a aprender é que não é o montante de tempo que é consumido, mas sim o modo como o gasta, que importa. O método de estudo, quando bem esquematizado possibilitará, ao estudante, tirar grande proveito de cada hora aplicada à Fotografia Jornalística.

Isso traz a baila um exemplo que por várias vezes fica registrado e que naturalmente surge de uma pergunta normalmente formulada pelo aluno: "É isto ou aquilo desprezível?" É surpreendente, por outro lado, verificar que, tantos considerem bom determinado assunto quando outros o considerem desprezível. Isto é bastante natural pois geralmente pensamos numa coisa como sendo boa ou não. Com efeito, a expressão "não é desprezível" é bastante rara. Mas se sempre atentarmos que uma das características do Fotógrafo Jornalista é a observação exata e o raciocínio acurado, chegaremos a conclusão que deve-se lutar para evitar tais equívocos.

Todo estudo buscado, textos que digam respeito à fotografia ou mesmo fatos e eventos que devam ser fotografados, devem ser vistos cuidadosamente e analisados lenta e repetidamente.

Neles poderão ser encontradas certas matérias de interesse histórico e geral. Esses aspectos são apresentados não só porque se revestem de profundo interesse, mas também para dar adequado entendimento das fundações do mister que é o fotojornalismo.

Através do conhecimento desses itens, é que se torna possível entender certas fases da fotografia jornalística que nunca poderiam ser compreendidas de outro modo.

tos fatos definidos, mas também possuir senso instintivo dos valores jornalísticos, similar àqueles que os repórteres chamam "faro para notícias". Tal senso instintivo não é dom que alguns possuem e outros não: pode ser desenvolvido mediante auto-treinamento consciente.

3.1 - SENSO DE APTIDÃO

O pensamento criativo, independentemente dos ensinamentos recebidos, requer exercícios mentais visando ao desenvolvivimento da criatividade individual, isto é independência mental. Significa aceitar opiniões de outros, somente após sua própria consideração demonstrar que elas sejam aceitáveis. Tão logo essa capacidade de pensar independentemente, se manifeste, observará que também começa a pensar com originalidade. Essa atitude mental é que permite a realização de trabalhos criativos, o que é outro modo de dizer trabalho original.

O domínio da técnica, a observância da prática profissional e tudo mais, vem na esteira da originalidade.

Observar-se-á o máximo proveito dos textos, fazendo todos os esforços no sentido de compreender o espírito prevalecente da fotografia jornalística em vez de confinar os fatos desnudos oferecidos à estampa. Tomemos para ilustração o valor da originalidade de um incidente realmente ocorrido, fixado com muito senso de oportunidade pelo fotógrafo: Uma gata, certa vez, meteu-se a atravessar uma das principais artérias de uma grande cidade, carregando um filhote na boca. O guarda de trânsito viu a gata e fez parar o fluxo de veículos enquanto ela fazia três viagens de ida e volta através da via pública, transportando um gatinho em cada viagem. O fotógrafo alerta viu a cena e tirou uma foto que mostrava a gata e um gatinho, o guarda detendo o trânsito e o congestionamento dos carros no segundo plano. A foto foi reproduzida em jornais e revistas por todo o país. Foi um tremendo sucesso. Depois disto os editores receberam um dilúvio de fotos de gatas levando filhotes, mas, naturalmente, todas

foram rejeitadas. Depois de tão grande sucesso, qualquer foto de uma gata e um gatinho não passaria de imitação e faltar-lhe-ia o principal requisito, qual seja, a novidade. Além disso, faltaria o avassalante contraste de um simples animal suspendendo o trânsito em um grande centro urbano.

Chama a atenção o autor desse incidente para a importância jornalística assumida pelo gesto humano do guarda em, contrapondo-se ao movimento normal de uma cidade no seu "ruch" diário trazendo vários transtornos à população viária. (Foto nº 6)

Em resumo: milhões de dólares gastos em automóveis barrados por uma gata! Homens de negócios correndo para encontrar os interesses financeiros do mundo - imobilizados por uma gata! Dinheiro, oportunidade, fama, prazer, todas as mil e uma coisas que dão ímpeto à vida paralizadas em favor de uma humilde gata! Tal foi a força do fato que deu a essa foto um impacto que não pôde ser duplicado.

A importância foto-jornalística desse incidente reside não na foto de um gato, e seu gatinho simplesmente, mas porque era o momento tumultuado e cheio de suspense - um drama com toda a sua pujança.

Numa ligeira análise pode-se chegar a conclusões muito interessantes, como p.e. a de que não é possível mostrar em todos os detalhes como fazer uma foto capaz de obter tal êxito. Pensando bem, seria possível dizer àquele reporter fotográfico que entrasse em ação e fizesse parar



o trânsito para que uma gata se entregasse aos seus cuidados maternos? Claro que não. Certo não teria podido encontrar a gata nem fazê-la atravessar a rua. Difícil ter encontrado um guarda benevolente, ainda mais um que consentisse em posar para tal foto.

Foto 6 - A importância foto-jornalística (IRIS)

Admitindo que todas essas coisas fossem possíveis e que se tivesse dito a cem fotógrafos que fizessem essa tomada, claro que o primeiro conseguiria o valor justo e louvável de seu trabalho, enquanto que os outros falhariam; após a publicação da primeira o assunto perderia a oportunidade.

Contudo se fosse distribuída uma pauta a vários repórteres fotográficos, onde se pedisse uma foto que reportasse a história do amor materno entre os animais, o resultado seria, provavelmente, este: várias fotos das quais muitas ou todas seriam do interesse legítimo do editor.

Os princípios básicos da fotografia podem ser aprendidos com facilidade: conhecer uma câmara; saber para que serve uma lente, aberturas e velocidade de diafragma e obturador. Qualquer curso sobre o assunto ensina o que fotografar, quando e como fotografar isto ou aquilo de modo que seja objeto de interesse, lucrativo para o autor ou de importância jornalística. Porém, os detalhes exatos precisam por certo, ser elaborados pela imaginação individual, porque devem nascer da concepção de cada um, já que a originalidade é o fator mais valioso no âmbito da fotografia jornalística.

Se quem se propõe a enfrentar a nova profissão nunca observou uma fotografia jornalística, será por demais difícil treiná-lo para fazê-lo eficientemente. Mas, um dos melhores recursos de treinamento auxiliar consiste em efetuar detido estudo de cada foto que tenha oportunidade de ver reproduzida onde quer que seja. É importante lembrar-se que toda foto vista em livro, revista, jornal ou publicidade foi feita por alguém conhecedor do assunto, espelhado pelo tema do livro, pela reportagem da revista ou pela matéria do jornal ou publicidade.

4 - A FOTOGRAFIA JORNALÍSTICA

A fotografia jornalística é, essencialmente, a elaboração de fatos destinados à estampa. Significa isso a feitura de fotos que irão ilustrar jornais, revistas, livros, panfletos, bu^las, programas, calendários, colunas publicitárias, catálogos - em suma, toda espécie de impressão que possa ser ilustrada por fotos.

Tínhamos de esperar não apenas pelo desenvolvimento da própria fotografia, como também pela invenção de rápidos e adequados processos de reprodução, tais como a gravação, para se chegar ao estágio de aperfeiçoamento de hoje. Provavelmente, as primeiras figuras de que se tem notícia, em livros, foram as iluminuras que os monges medievais desenhavam e pintavam, à mão. Mais tarde, com a evolução dos processos de gravura, entrou em uso a gravação em madeira. Daí, por meio de blocos de madeira trabalhados em relevo, os desenhos e mapas puderam ser reproduzidos em quantidade. As xilogravuras começavam a aparecer nos primitivos jornais coloniais. A notícia que se tem da primeira gravação em jornal americano foi a de uma bandeira do Reino Unido da Inglaterra e Escócia, e apareceu no "News Lestter", de Boston, em 1707. Em seguida, vários jornais americanos passaram a adotar esse tipo de ilustração. Porém, só depois das descobertas de Niépce e Daguerre, é que a fotografia teve o seu desenvolvimento e uso nos jornais.

O maior progresso da fotografia jornalística, no entanto, se verificou depois da II Guerra Mundial, quando a Kodak, nos Estados Unidos, e a Ilford, na Alemanha, lançaram no mercado novos filmes que permitiram aos fotógrafos de jornais dar grandes velocidades nos seus trabalhos, com pouca ou nenhuma granulação.

Os índices de velocidade começaram a subir, a Leica, da Alemanha, e a Nikon, do Japão, produziram novos modelos de máquinas de 35mm que se constituíram em verdadeira mina para os reportes fotográficos que, com a luz ambiente e sem a utilização de "flashes", podem agora fazer 36 fotografias, ou mais, em menos de um minuto. A máquina fotografia de 35mm teve assinalado êxito na grande imprensa e, atualmente, domina todo o setor fotográfico do jornalismo.

Mas a fotografia jornalística significa muito mais do que isso, principalmente para um reporter fotográfico, porque este terá que cultivar suas faculdades de observação e rápido julgamento. Olhos, mente e músculos de um profissional da fotografia jornalística deverão ser altamente coordenados. Com tais requisitos aprenderão a ver muito mais da vida ao seu redor do que viam antes, ao mesmo tempo em que, alinhado a isto, vão desenvolvendo a aptidão para narrar histórias em fatos que serão completas, vívidas e inequívocas.

(Foto nº 7)



Foto 7 - Homem forte no período agitado da política nacional - 1967/69: "Costa e Silva souu bastante para ser presidente" (o texto é de Manchete).

Enquanto a fotografia jornalística inclui as atividades atinentes à fotografia da imprensa escrita, esta é mais ou menos casual. Mas, quem deseja adentrar o terreno jornalístico, descobrirá milhares de oportunidades de rendimento extra. Porque, livros técnicos e de texto, livros sobre viagens e explorações, tratados populares sobre ciência contemporânea, livros e revistas sobre jardinagem, criação de animais de estimação e arquitetura - com efeito, livros sobre qualquer assunto concebível - são ilustrados por fotos. Admiravelmente, os autores dessas obras quase sempre não fornecem as ilustrações, o que força os editores socorrer-se dos arquivos de bons fotógrafos jornalísticos ou de agências fotográficas. E, onde as agências fotográficas conseguem suas fotos? De centenas, de milhares de fotógrafos espalha

dos por todo o mundo. São mulheres e homens que se dispuseram
ao sucesso no âmbito da fotografia jornalística.

5 - UTILIZAÇÃO DAS FOTOS

Tomando-se em consideração que de 70 a 80% das fotos utilizadas em jornais e revistas são provenientes de outras fontes que não a equipe de fotógrafos do seu departamento fotográfico, os jornais usam duas espécies de fotos: uma, de reportagem, nas colunas, para ilustrar as notícias diárias; a outra, sobre matéria importante, nas páginas ilustradas e suplementos. (Foto 8).

Grande parte das fotos das colunas de notícias - as chamadas notícias "quentes" - são feitas por membros remunerados da equipe fotográfica do jornal. Assim é, porque o jornal está em contato com os eventos do dia, e o membro da equipe geralmente entra em ação antes que as pessoas da vizinhança do fato saibam algo a respeito. Contudo, quem esteja nas proximidades de uma ocorrência digna de publicação poderá vender aos jornais uma foto do evento, desde que: a) consiga a foto antes que os repórteres fotográficos do jornal entrem em ação; b) faça-a melhor que o homem da equipe; c) saiba fazê-la de modo que esteja à altura de sair a lume; d) leve-a imediatamente ao jornal, o chamado "furo".

O publicitário, por outro lado, usa milhões de fotos, mas, como se trata de campo especializado, suas fontes de suprimento são algo diferentes daqueles das revistas e jornais. Como exemplo poderemos tomar um anunciante que fabrica um talco para bebê.

O diretor de publicidade quer a foto de um bebê chorando e de um outro sorrindo. Quer também que estes posem de modo a formar um par. Em vez de dar ordem para que se faça uma foto,

chama fotógrafos que sabe, tenham boas coleções de negativos. Esses fotógrafos entregam-lhe um sortimento de fotos de bebês, e, dentre elas, o anunciante escolhe as duas que quer. Isso parece oferecer pouco encorajamento, mas, realmente, significa oportunidade para o fotógrafo jornalístico. Cumpre ter em mente que os anunciantes exigem fotos dramáticas, que contem uma história e para isso ninguém melhor qualificado que profissional treinado para fazer fotos jornalísticas.

FIM DE UM DIA PUXADO.

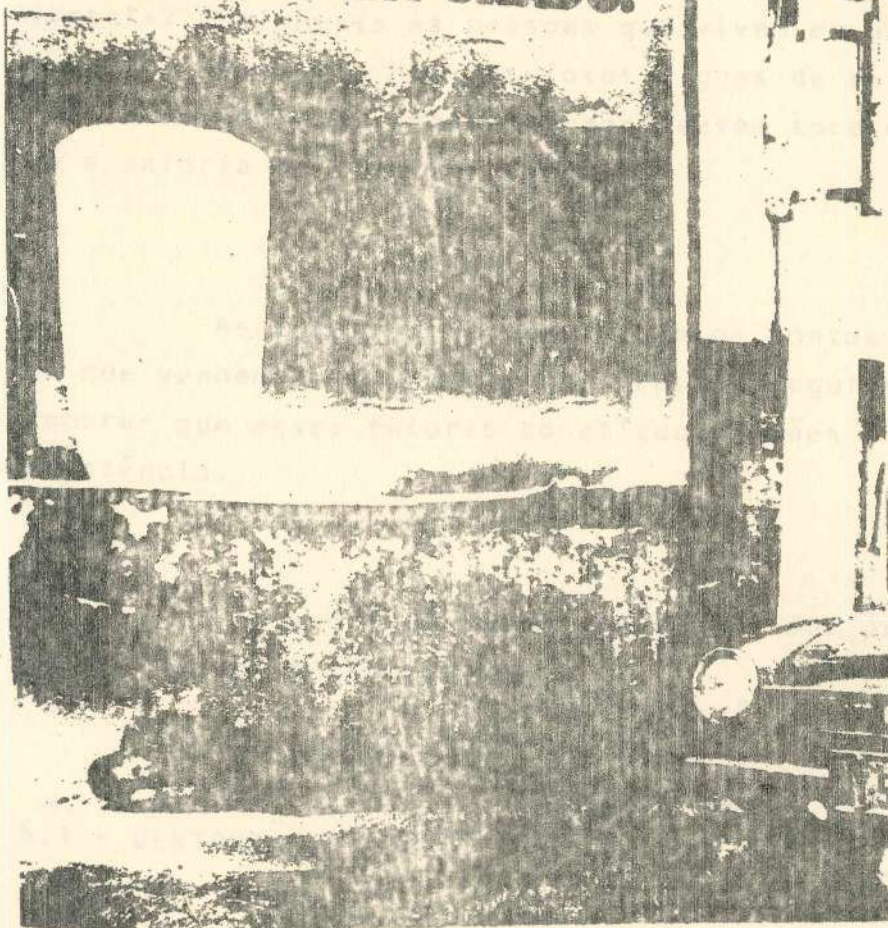


Foto 8 - Das fotos utilizadas em jornais e revistas, 70 a 80% são provenientes de fontes extra-equipe de fotógrafos de jornais.

(McKay, Werbert;
The Principles of
Journalistic
Photography).

6 - O FATOR DE INTERESSE

O que torna uma foto interessante?

Preliminarmente, precisamos contrapor outra pergunta: a quem deverá interessar algumas fotos publicadas em pequenos jornais? Obviamente às pessoas que vivem em uma comunidade mais ou menos restrita. Mas, as fotos dignas de serem vendidas a jornais e revistas de grande tiragem devem apresentar interesse para a maioria de seus leitores.

As fotos que corporificam os pontos de interesse são as que vendem mais prontamente. Por conseguinte, é importante lembrar que esses fatores constituem razões diretas de nossa existência.

Eis agora um esboço de alguns dos principais enfoques jornalísticos da fotografia.

6.1 - DESTREZA

Nos tempos atuais, destreza é questão de agilidade na educação física e mental, aptidão a arte, a vivacidade etc e estas qualidades constituem a presente fase da curiosidade humana. Por toda a parte, as pessoas querem conhecer algo novo. A característica essencial dos assuntos abrangidos por essa classe prende-se ao valor qualitativo da novidade. Portanto, se uma foto contiver algo original ou desconhecido por parte dos leitores cer

tamente estão inseridos nela as qualidades profissionais do au
tor no saber captar novidades fotojornalísticas.

6.1.1 - DEFESA

O conflito é a essência do drama. Não necessita confi
gurar um embate, mas pode ser expresso de muitos modos. Uma das
representações mais comuns é o contraste. Se lançarmos mão de
extremas dimensões comparativas, conseguiremos ressaltar o efeito
dramático do conflito. Assim, pois, ao vermos minúsculo aero
plano em voo ao lado de enorme avião de passageiros, teremos uma
imagem com os elementos essenciais do interesse dramático e tor
nar-se-á muito mais atraente que numa pegada o primeiro plano fique
com o menor elemento da foto, no caso o aeroplano menor, desta
cando como fundo o maior todo ou uma de suas partes, mais pro
nunciada. A técnica também é válida para outros setores de con
traste como p. e. a competição desportiva regatas, futebol, vo
lei e etc.

6.1.2 - INTERESSE DA COMUNIDADE

As fotos desse interesse dizem respeito a contendas de sociedade de
classes, manifestações públicas, cenas
de guerra, saúde e bem-estar comunitário,
os eventos relacionados às escolas, fês
tivals e etc. (Foto nº 9).



6.1.3 - INTERESSES DO GOVERNO

No setor do governo civil, a
pompa e a exibição de procedimentos ri
tuais, são fatores de interesse fotojornal
nalísticos. Exemplos notáveis o casamento

Foto 9 - Greve dos estivadores
vadores do porto de Santos - (IRIS).

de LADY DI, com toda a pompa da tradição inglesa. Inaugurações de prédios públicos, celebrações de datas nacionais. Esta classe sobrepõe as fotos de personalidades.

6.1.4 - HUMOR

As fotos que representam humor, são muito perigosas. É preciso ter cuidado no toque de humor dado a elas pois que não venham ofender algum indivíduo ou classe, porquanto o humor grosseiro é frequente causa de ridículo e não revela bom gosto nem jornalismo sadio. Há vasto repositório de humor inofensivo que pode usar sem problemas para vivificar um assunto que de outro modo se tornaria fastidioso.

6.1.5 - INTERESSES ESTÉTICOS

Só depois de civilizada e mentalmente desenvolvida é que a humanidade passou a contemplar a beleza. São fatores de reações emocionais que regem esta classe. O gostar e desgostar, o sentir simpatia e emoções correlatas, essas reações abstratas tornaram-se progressivamente mais fortes até que mesmo entre as raças remotas de que há registro, os artistas foram reconhecidos como membros valiosos da sociedade. (Foto 10)



Pode-se observar nesse trabalho que os interesses estéticos revelam-se de valor. Comunicam algo mais. Em alguns casos como nas fotos de exibi-

Foto 10 - O lado artístico da fotografia. (série prática de Como Fotografar Gente).

ções e estudos pictoriais tal interesse é bastante. Porém, no âmbito do fotojornalismo, o assunto deve possuir interesse bási-

co, ao qual se adiciona o interesse estético. Por essa razão, tais interesses geralmente são designados pelo termo tratamento.

6.1.6 - INTERESSE HUMANO

Esse interesse representa uma classe que transcende e engloba todas as outras. Consubstanciam os fatores de interesse exigidos por todos os editores e que se podem incluir em qual quer foto para aumentar o valor.

Uma boa fotografia pode constar tudo, mas, se nela não houver algum ser humano, será morta, ao passo que outra, embora inferior, mas que mostre uma pessoa, terá maior valor.

É esse um fator de interesse muito mais importante que qualquer outro. O interesse humano é um fator caracterizado pela presença na foto da figura do homem ou de sua atividade. O homem toma profundo interesse por outros de sua espécie, e, quando falta esse elemento, diz-se que a foto é morta.

6.1.7 - INTERESSE ARTIFICIAL

Esta classe não se constitui tanto em uma variedade de fatores de interesse como em um método de utilização deles, compreendendo todas as suas espécies. Desde logo é de bom alvitre que elaborem fotos que contem história.

Em suma recomenda-se, que "faça com que sua foto atraia a vista do leitor". É importante que faça uma foto. É bom lembrar que qualquer imagem apanhada pela câmara é uma foto, mas não será se não tiver sentido. (Foto nº 11).



Foto 11 - A oportunidade também pode ser elaborada. (Fotomundo, Internacional).

CONCLUSÃO

De todo esse trabalho pode-se ver claramente a estreita relação entre a fotografia e a notícia. Chegando em algumas partes a afirmações de que a fotografia, quando bem tomada, vale mais do que a palavra escrita. Seria a afirmação do adágio chinês: "Uma fotografia vale mais do que mil palavras".

Não se tenha a menor dúvida de que a fotografia jornalística para ter essa acepção tem que ser indiscutivelmente um meio de notícia.

Existem vários conceitos de fotojornalismo, dos quais deixamos aqui, catalogados alguns e por eles pode-se concluir a assertiva de que um fotógrafo de jornal é acima de tudo um repórter, um catador de notícia e melhor qualificando, o olho do mundo. Isso, pela capacidade desenvolvida de saber captar para sua câmara a síntese do acontecimento. Quer dizer, aquilo que muita gente vê mas não sabe colocar o essencial no retângulo de uma película.

Tanto é verdade dizer que a fotografia vale como notícia que nesta pesquisa ficou evidenciado o uso de desenhos na parte histórica - em forma de figuras utilizado como o primeiro meio da comunicação de que se tem notícia. Depois de muita insistência do homem em transportar a imagem visual para o papel a fotografia surge nítida e com a plasticidade patente hoje em todos os meios pictoriais de comunicação.

Nesse contexto o fotojornalismo exige de quem o pratica muito empenho em dominar os fatores que comunicam interesse às fotos, tendo em mente que todas a grosso modo, poderão ser classificadas como físicas, emocionais ou estéticas.

Numa representação de um objeto material se assemelha ao original com máxima fidelidade. Enquanto na outra, a foto emocional, o editor procura despertar no leitor emoção específica a qual poderá ou não ter relação direta com o seu respectivo assunto.

Seja como for, geralmente a foto jornalística tem apelo emocional definido, porém mais sutil que o do assunto emocional objetivo.

Assim chegamos ao final das considerações tidas e estudadas sobre o tema: "UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

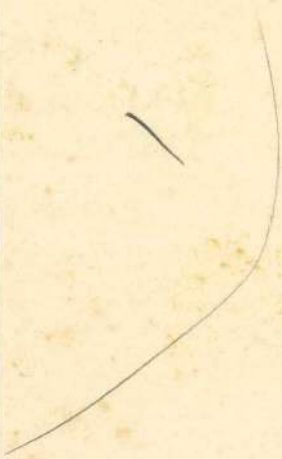
- 1 - BARSA, ENCICLOPÉDIA. Volume nº 6, tema FOTOGRAFIA
- 2 - BLUMANN, SIGMUND. Fotographic Handbook, second edition.
- 3 - BRITANICA, ENCICLOPÉDICA DO BRASIL, Vol. nº 9 - tema FOTOGRAFIA.
- 4 - BUSSELLE, MICHAEL. Tudo Sobre Fotografia, 2ª Ed., Livraria Pioneira Editora - S.P.
- 5 - DESCHIN, JACOB, A. R. P. S. Universal Photo Almanac - 1943 (Acervo, João de Britto Namorado).
- 6 - FOTOGRAFIA, CURSO COMPLETO, ed. Rio Gráfica e Editora S.A.
- 7 - FOTOPTICA NOVIDADES; revista de fotografia, som, cinema ótica e recursos audio-visuais, nº 40, ano 14, julho 1970.
- 8 - FRASER, F. BOND. Introdução ao Jornalismo 2ª ed. Livraria AGIR Editora - RJ.
- 9 - IRIS, FOTOGRAFIA, CINEMA e SOM, revista mensal, nºs 334, 338, 342 e 343.
- 0 - J. A. HAYNES - Projection Printing With The Photometer - Haynes Products Company, INC. New York, 1940. (Acervo, João de Britto Namorado).
- 1 - LE PHOTO ALMANACH PRISMA, nº 2 - Les Éditions PRISMA - Paris. (Acervo, João de Britto Namorado).
- 2 - LINDER, GERT - Tradução e adaptação de Carlos Santos e Silva como obter Boas Fotografias - 5ª edição - Livraria Bertrand S. A. R. L.
- 3 - MCKAY, WERBERT. The Principles of Journalistic Photography; ed. Universal Photography. (Acervo, João de Britto Namorado)
- 4 - MORTIMER, F. J. - Dictionary of Photography. Ed. Américan Photographic Publishing Company (Acervo, João de Britto Namorado).

- 15 - PHOTOGRAPHY, FUNDAMENTAIS - nº 2. Márking the Photography.
New York Institute of Photography, INC - Universal Photo-
graphers, INC. (Acervo, João de Britto Namorado).
- 16 - SMITH, EDWIN. Técnicas e Truques - 2ª ed. - Editora Pre-
sença - 1976.

Autor: FRANÇA, Oderson de
Oliveira.

Título: Uma imagem vale mais
que mil palavras.

[illegible]



Reg: 4337/9